

Os movimentos populacionais no Rio Grande do Sul: uma visão inter e intra-regional através dos Coredes

Maria de Lourdes Jardim

Estatística, Mestre em Demografia, Técnica da FEE.

Tanya M. de Barcellos

Socióloga, Mestre em Sociologia, Técnica da FEE.

Resumo

O texto realiza um balanço dos movimentos populacionais regionais do Rio Grande do Sul, com ênfase na dinâmica da última década, revelada pelo Censo Demográfico de 2000. A mobilidade e a mobilidade pendular foram caracterizadas considerando-se a divisão do RS em Coredes e o contexto da mobilidade interestadual. Trabalhou-se com a origem e o destino dos fluxos, mostrando que áreas ganham e perdem na dinâmica das trocas migratórias. Além dessas facetas das migrações, procurou-se, ainda, trazer uma visão do retorno de fluxos migratórios, falando acerca das relações do RS com as diferentes regiões e estados do País e dos vínculos entre os diferentes espaços regionais do Estado.

Palavras-chave

Mobilidade; movimentos pendulares; regiões.

Abstract

This paper analyses the population movements in the territory of Rio Grande do Sul, the southernmost state of Brazil, during nineties. Focusing on migration and population mobility, it identifies which regions have lost and which have won population as a result of migration movements. It also shows the character of the historical and economic relations between the different areas. The conclusions of this work were drawn from the analysis of data collected in the Demographic Census of 2000.

Key words

Migration; population mobility; regions.

Classificação JEL: J11; J61.

Artigo recebido em 27 set. 2004.

Introdução

Neste texto, tem-se por objetivo apresentar um balanço dos movimentos populacionais regionais do Rio Grande do Sul, com ênfase na dinâmica da última década, revelada pelo Censo Demográfico de 2000. Mais especificamente, busca-se explicitar os conteúdos desses movimentos, considerando-se a divisão do RS em Coredes e o contexto da mobilidade interestadual.

Criados em 1994, os Coredes adquiriram uma maior relevância recentemente, quando passaram a integrar o processo de consulta popular, instituído em 1998 e reformulado em 2003. Constituindo-se em fórum organizador das demandas regionais, os Conselhos são as bases territoriais para a consulta popular que discute e estabelece a destinação de parte do orçamento do Estado. Crescentemente, vêm sendo utilizados como recorte regional em estudos que visam subsidiar a formulação do planejamento estadual.

Como regionalização, pode-se dizer que respondem não somente a critérios políticos, mas que, de algum modo, estão referidos a realidades regionais diversas, que se construíram no processo histórico de desenvolvimento do RS.

A mobilidade é um elemento crucial no debate sobre o desenvolvimento regional. Determinada pelas relações econômicas e sociais que se estabelecem no interior das formações regionais e entre os diferentes espaços no território, constitui-se em fenômeno onde se expressam as diferenças regionais em várias dimensões, desde a mundial até a local. Durante os anos 80, profundas mudanças alteraram as características das migrações no Brasil. Houve um decréscimo significativo das migrações interestaduais de longa distância e um redesenho de antigas áreas de expulsão e atração explicitado na mobilidade de retorno, estabelecendo-se o predomínio de migrações de

curta distância, principalmente em níveis intrametropolitano e intra-regional, e um crescimento da importância de outras formas de mobilidade, como a pendular.

Assim, ampliar um pouco o conhecimento das características assumidas pelas migrações no RS significa avançar na discussão sobre as suas já bastante conhecidas desigualdades regionais. Pode-se também, com essa abordagem, inferir algumas hipóteses sobre os impactos da reestruturação produtiva no surgimento de novas territorialidades, já que, através desse processo, se estabelece uma nova dinâmica migratória.

Os microdados do Censo Demográfico de 2000 possibilitam vários focos sobre o fenômeno migratório. Para esta análise, serão privilegiadas as informações sobre as trocas nos fluxos migratórios e sobre a origem e o destino dos movimentos populacionais, levantadas pela variável Código do município de residência no dia 31 de julho de 1995 (v4250), e as informações sobre o movimento pendular, obtidas a partir da variável Código do município e unidade da Federação ou país estrangeiro em que trabalha ou estuda (v4276). Além dessas facetas das migrações, procurou-se, ainda, numa perspectiva mais abrangente sobre o fenômeno no Estado, trabalhar com os dados da imobilidade interestadual do Rio Grande do Sul e da imobilidade inter-Coredes, cruzados com a naturalidade dos migrantes, que permitem uma visão do retorno de fluxos migratórios, falando acerca das relações do RS com as diferentes regiões e estados do País e dos vínculos entre os diferentes espaços regionais do Estado .

Um panorama sobre as migrações no RS

O Rio Grande do Sul, apesar de expulsar mais população do que receber, vem diminuindo o ritmo de crescimento das taxas de emobilidade, principalmente dos que se dirigem a outros estados brasileiros. Com relação à imobilidade, quando se avaliam, nos censos demográficos do início do século, a nacionalidade e a naturalidade da população residente no RS, constata-se que grande parte da imobilidade era de origem internacional (Jardim, 2002). Já os dados das últimas décadas mostram uma reversão dessa tendência, apontando um aumento da imobilidade com origem em outros estados brasileiros.

Se, no início do século, as imigrações para o RS eram de longa distância, nos últimos anos, estabeleceu-se um predomínio de migrações de curta distância. Mesmo ao se considerar a imobilidade internacional, verifica-se que

houve uma diminuição da participação da população italiana e da alemã,¹ antes majoritária, e um aumento na participação de imigrantes oriundos do Uruguai e da Argentina — em 2000, mais da metade da população estrangeira no RS era de uruguaios (43%) e de argentinos (11%) —, países limítrofes. Do mesmo modo, os maiores contingentes de imigrantes interestaduais são, há algumas décadas, dos estados da Região Sul, ou seja, do Paraná e de Santa Catarina. Deve-se ressaltar que esses mesmos estados apresentam as maiores proporções de população proveniente do RS, mostrando que, no nível da mobilidade interna ao País, as trocas do RS se estabelecem, sobretudo, com seus vizinhos. Grande parte desse fato se deve à mobilidade de retorno, já que uma parte das pessoas que emigram, ao retornarem ao Estado, trazem família formada por naturais do estado para onde migraram² (Jardim, 2002). É interessante observar que, comparando-se os contingentes de emobilidade e imobilidade, quando se consideram os estoques populacionais de 2000 e quando se examinam os dados do Censo Demográfico de 2000 de mobilidade em data fixa³, a importância da emobilidade para os estados da Região Sul e até para os da Região Centro-Oeste, em outras décadas, foi muito maior, assim como os saldos negativos. Isso correspondeu aos períodos de expansão da fronteira agrícola, quando o Rio Grande do Sul liberou volumes consideráveis de população, que se dirigiram inicialmente para o oeste catarinense e para o sudoeste do Paraná e, mais tarde, para o norte e o centro-oeste do País. Outro fato a ser destacado é a mudança nas trocas entre o Rio Grande do Sul e os estados da Região Sudeste. Os saldos negativos do Estado eram, em outras décadas, generalizados em termos das unidades que compõem aquela região, o que se depreende dos dados que dão conta dos estoques de emobilidade e imobilidade. A situação atual, vista através das informações que computam a mobilidade com base em uma data fixa (1995), mostra que o saldo, embora negativo no nível da região, foi positivo para o Rio de Janeiro e para o Espírito Santo, apontando alterações nas condições de atratividade das duas regiões (Mapa 1).

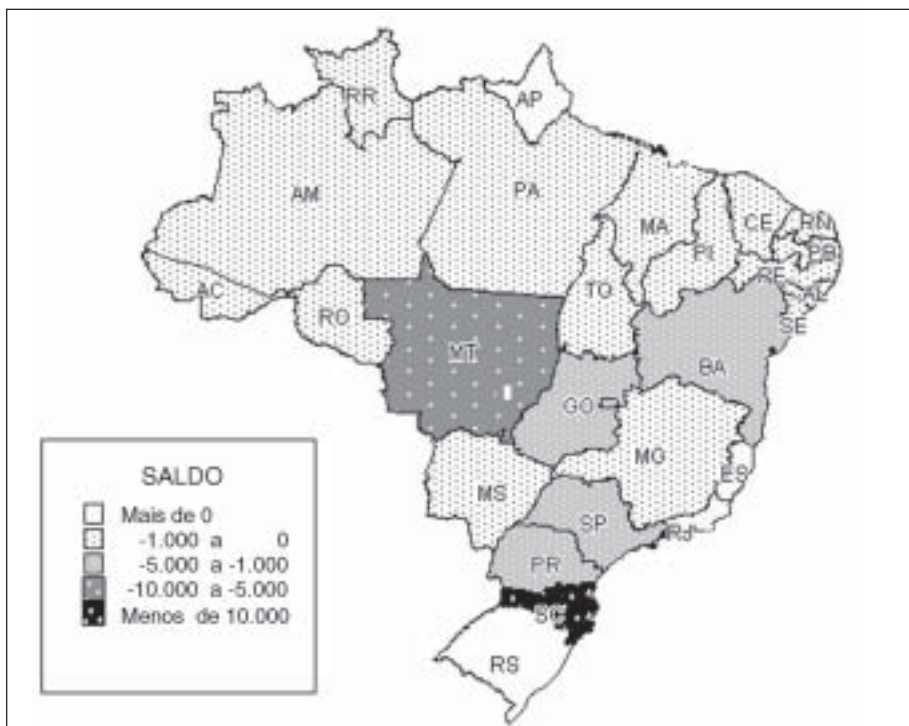
¹ Em 1940, a população de estrangeiros era menos concentrada, sendo maiores as proporções de italianos (22%), uruguaios (21%), alemães (15%) e poloneses (10%). A participação de argentinos era pouco significativa (5%).

² Os dados do censo demográfico de 1991 mostram que a mobilidade de retorno para o RS, no período 1981-91, foi bastante significativa, já que 48,1% da população que declarou, em 1991, ser imigrante de outro estado há menos de 10 anos era natural do RS (Jardim, 2000).

³ Os estoques populacionais correspondem à população residente que não é natural da unidade da Federação, independentemente da época em que migraram, e a mobilidade de data fixa corresponde ao cruzamento do local de residência em 2000 e em 1995.

Mapa 1

Saldo migratório interestadual, por unidade da Federação,
do Rio Grande do Sul — 1995-00



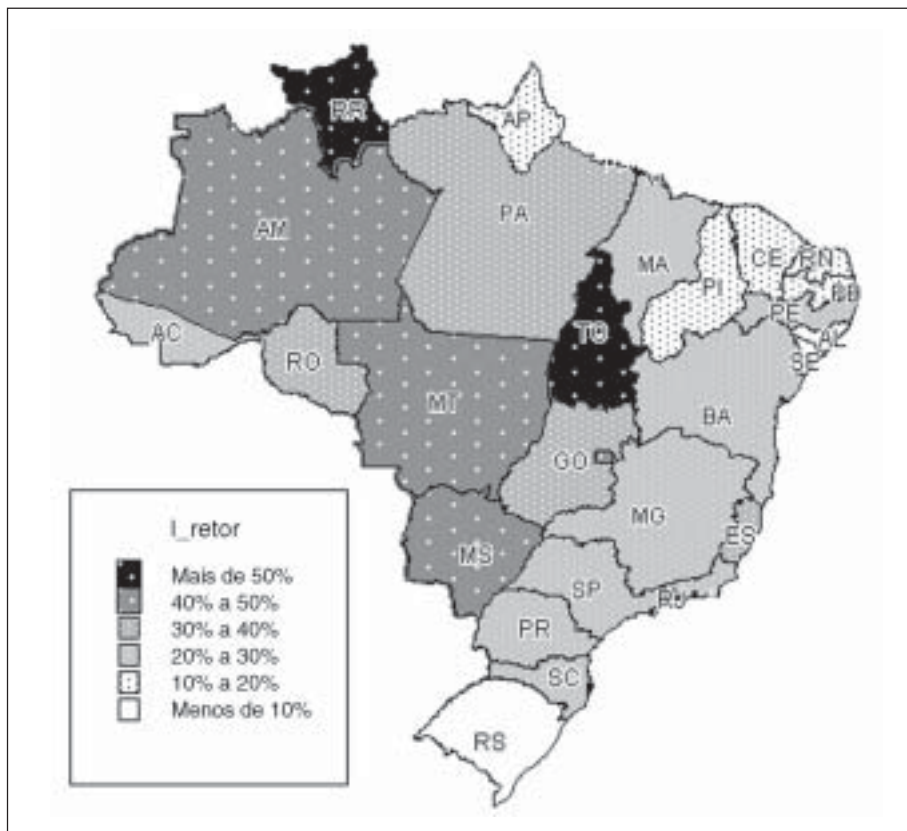
FONTE: IBGE. **Censo Demográfico 2000**: migração e deslocamento; resultados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

Com relação ao retorno, deve-se mencionar que, em termos das trocas com outros estados da Federação entre 1995 e 2000, foi bastante significativa, no conjunto da imobilidade no RS, a proporção de gaúchos que voltaram de outros estados. Esse fenômeno foi especialmente importante com relação aos estados das Regiões Norte e Centro-Oeste, que devolveram gaúchos em proporções que ultrapassaram os 40% dos imigrantes interestaduais que chegaram no RS, naquele período (Mapa 2). Cabe aqui lembrar o fracasso de políticas de colonização, que levaram muitos gaúchos para novas frentes de ocupação agrícola, especialmente durante os anos 70 (Santos, 1993). O retorno constituiu-se em fenômeno que apresentou grande relevo nos anos 80,

especialmente em função do caso do regresso à sua região de imigrantes nordestinos em São Paulo (Baeninger, 2002).

Mapa 2

Saldo migratório interestadual de retorno, por unidade da Federação, do Rio Grande do Sul — 1995-00



FONTE: IBGE. **Censo Demográfico 2000**: microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2003 (CD-ROM).

A influência do balanço demográfico entre imobilidade e emobilidade no crescimento da população do RS, embora negativo, é pouco expressivo e vem, desde a década de 70, diminuindo. Conforme mostra a Tabela 1, o Estado perdia,

em média, 20 mil pessoas por ano devido às trocas migratórias; já na década de 90, as perdas foram de menos de 3 mil pessoas. Isso significa que a população do RS tende a aproximar-se de uma relativa estabilidade, o que pode também ser deduzido do baixo incremento demográfico no RS, nas últimas décadas.

Tabela 1

Taxas líquidas de migração anual no Rio Grande do Sul — 1970-00

PERÍODOS	MIGRANTES ANUAIS	POPULAÇÃO DO MEIO DO PERÍODO	TAXAS (%)
1970-80	-21 716	7 260 197	-0,30
1980-90	-10 344	8 379 713	-0,12
1990-00	-2 884	9 646 436	-0,03

FONTE: FEE/NIS.

NOTA: Taxas calculadas segundo métodos indiretos.

Dada a pouca influência da mobilidade no crescimento populacional do RS, o componente que mais contribui para o aumento da população é a fecundidade. Atualmente, a taxa de fecundidade das mulheres gaúchas está abaixo do nível de reposição. Devido às altas taxas de fecundidade do passado⁴, o que se reflete no volume de mulheres tendo filhos atualmente, apesar dos baixos níveis de fecundidade, a população do RS ainda deverá continuar crescendo por alguns anos.

Tendo em vista o quadro atual do fenômeno migratório, a mobilidade intra-estadual coloca-se como uma questão que adquire interesse cada vez maior. Até porque o retrato apresentado no Censo Demográfico de 2000 da mobilidade internacional e principalmente da interestadual, com a diminuição do ritmo de “saídas” de gaúchos para morar em outro estado e o aumento de “entradas” de naturais de outras unidades da Federação, pode levar a uma reversão da tendência atual, passando o RS de expulsor a receptor de população.

⁴ A partir do início da década de 70, a fecundidade, no RS, começou a declinar a um ritmo acelerado, chegando ao nível de reposição no final da década de 90.

Trocas migratórias sub-regionais: uma abordagem dos Coredes

A análise dos fluxos migratórios distribuídos segundo os Coredes permite uma incursão nas relações que se travam entre os espaços regionais no Estado. Antes de tudo, ressalta o fato de que os fluxos intra-regionais têm dimensões consideravelmente maiores do que os inter-regionais, indicando que, também no nível estadual, se verifica a tendência recente de predomínio de fluxos de curta distância.

O Corede onde foi maior a movimentação de migrantes é o Metropolitano Delta do Jacuí, seguido do Sul e do Vale do Rio dos Sinos (Mapa 3). Observando-se os volumes da emobilidade e da imobilidade, esses Coredes aparecem com destaque. Efetivamente, são unidades regionais mais populosas, onde estão localizados os pólos da Região Metropolitana de Porto Alegre e onde se encontra a maior concentração de atividades econômicas do Estado.

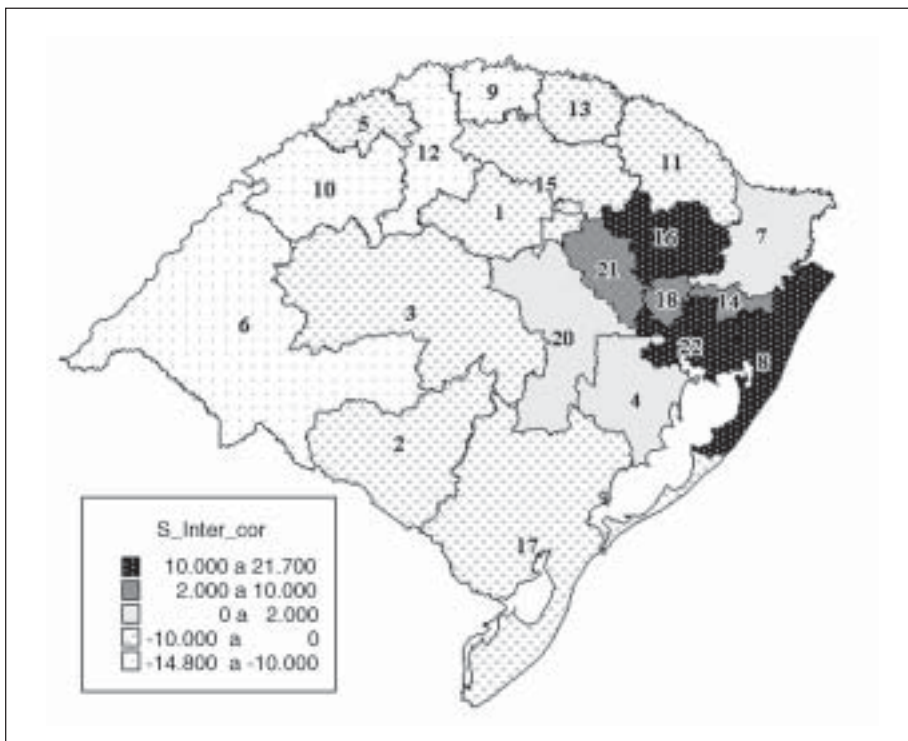
Porém, focalizando-se a análise nos saldos de saídas e entradas, o Corede Serra desponta com o maior saldo positivo, ou seja, embora atraindo menos migrantes (é o terceiro em volume de imobilidade), expulsa proporcionalmente menos (Tabela 2 e Mapa 4). Na verdade, esperava-se um saldo maior no Metropolitano Delta do Jacuí, pois nele está reunida grande parte das localidades que têm apresentado os mais altos incrementos demográficos no Estado. É certo que Canoas, cidade cada vez mais importante como centro de comércio e serviços na Região Metropolitana, está inserida no Corede Vale do Rio dos Sinos, o que significa uma redução nos contingentes do Corede Metropolitano. No entanto, deve-se tributar a atratividade do Corede Serra ao fato de se constituir em importante pólo de concentração industrial, que, junto com a Região Metropolitana de Porto Alegre, forma a área mais dinâmica da economia gaúcha.

Examinando ainda os saldos de emobilidade e imobilidade nos Coredes, deve-se mencionar a situação do Litoral, que se sobressaiu com uma elevada diferença positiva nessas trocas. Foram mais de 16 mil pessoas acrescentadas no período 1995-00. Essa região do Estado tem apresentado, nas duas últimas décadas, altas taxas de crescimento populacional (2,24% ao ano no período 1980-91 e 2,87% entre 1991 e 2000), merecendo uma reflexão mais sistemática dos pesquisadores que estudam a economia do Rio Grande do Sul. Nesse caso, como a região não se destaca no quadro da economia do Estado,

o interesse recai sobre o segmento informal da economia, que deve ter apresentado incremento na região.⁵

Mapa 3

Fluxos migratórios inter-Coredes do Rio Grande do Sul — 1995-00



FONTE: IBGE. **Censo Demográfico 2000**: microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2003 (CD-ROM).

⁵ As informações disponíveis captam apenas as atividades econômicas regulares, em geral através dos dados do Produto Interno Bruto (PIB) e do Valor Adicionado Bruto (VAB).

Tabela 2

Fluxos migratórios segundo os Coredes do Rio Grande do Sul — 1955-00

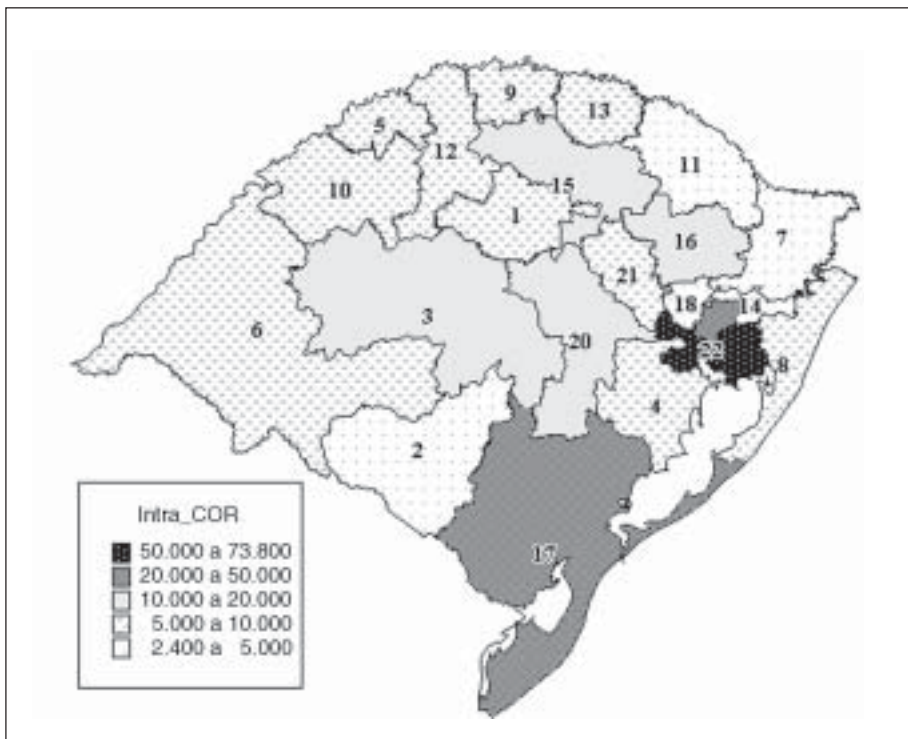
COREDES	MIGRAÇÃO INTER-COREDES			MIGRAÇÃO INTRA- -COREDES (4)
	Emigrantes (1)	Imigrantes (2)	Saldo (3)	
TOTAL	451 441	451 441	-	281 131
1 Alto Jacuí	12 934	7 479	-5 455	5 315
2 Campanha	10 948	7 465	-3 483	2 426
3 Central	28 513	26 065	-2 447	16 812
4 Centro-Sul	12 715	14 438	1 723	5 366
5 Fronteira Noroeste	15 449	6 656	-8 793	7 128
6 Fronteira Oeste	30 358	17 619	-12 738	8 442
7 Hortênsias	6 652	7 729	1 076	2 544
8 Litoral	11 994	28 422	16 428	8 654
9 Médio Alto Uruguai	20 086	5 385	-14 701	5 184
10 Missões	21 737	9 978	-11 760	9 171
11 Nordeste	12 308	6 313	-5 995	4 349
12 Noroeste Colonial	24 920	12 058	-12 862	8 677
13 Norte	6 898	4 712	-2 185	8 184
14 Paranhana - Encosta da Serra	8 648	14 788	6 140	4 444
15 Produção	24 826	19 656	-5 170	12 396
16 Serra	18 178	39 783	21 605	12 179
17 Sul	20 840	15 523	-5 317	23 874
18 Vale do Caí	6 234	10 123	3 889	2 708
19 Vale do Rio dos Sinos	51 498	66 915	15 416	36 786
20 Vale do Rio Pardo	14 676	15 115	439	13 719
21 Vale do Taquari	12 668	16 996	4 328	9 035
22 Metropolitano Delta do Jacuí ...	78 361	98 222	19 861	73 737

FONTE: IBGE. **Censo demográfico 2000**: microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

(1) Pessoas de cinco anos ou mais de idade que residiam nesse Corede em 1995 e, em 2000, residiam em outro Corede. (2) Pessoas de cinco anos ou mais de idade que residiam em outro Corede em 1995 e, em 2000, residiam nesse Corede. (3) Saldo migratório desse Corede. (4) Pessoas de cinco anos ou mais de idade que residiam, em 1995, em outro município do mesmo Corede do de residência em 2000.

Mapa 4

Fluxos migratórios intra-Coredes do Rio Grande do Sul — 1995-00



FONTE: IBGE. **Censo Demográfico 2000**: microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2003 (CD-ROM).

A expulsão de fluxos migratórios pode ser vista através dos saldos negativos nas trocas entre imobilidade e emobilidade. Os Coredes Fronteira Oeste, Médio Alto Uruguai, Missões e Noroeste Colonial despontam com as diferenças mais elevadas, apontando configurações regionais que apresentem dinâmicas econômicas deprimidas, como é o caso do sul do Estado, ou áreas de produção agrícola em pequena propriedade, que vêm liberando população há décadas, como é a situação do norte do Estado.

A análise da origem e do destino dos fluxos entre os Coredes mostra volumes populacionais significativos deslocando-se: do Médio Alto Uruguai

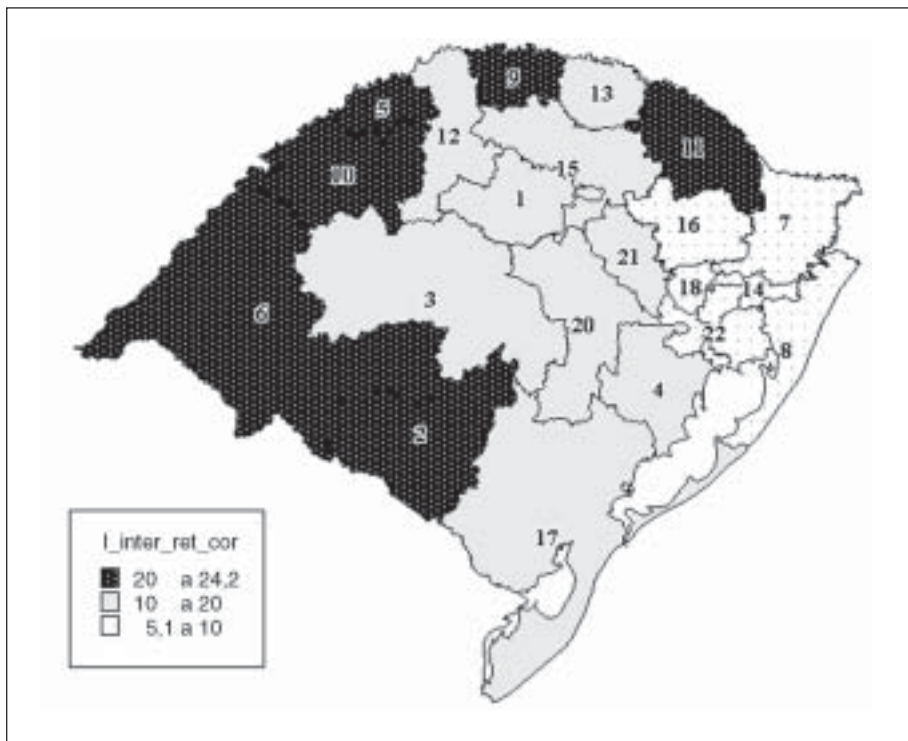
para, por ordem de tamanho, o Vale do Rio dos Sinos, o Serra e o Metropolitano Delta do Jacuí; do Corede Missões para o Metropolitano Delta do Jacuí, o Vale do Rio dos Sinos e o Serra; do Noroeste Colonial para o Vale do Rio dos Sinos, o Metropolitano Delta do Jacuí e o Serra; do Corede Fronteira Oeste sobretudo para o Metropolitano Delta do Jacuí, mas também com números significativos para o Central, o Vale do Sinos, o Missões e o Serra; e, finalmente, do Litoral especialmente para o Metropolitano, mas também com certa importância para o Vale do Rio dos Sinos. O sentido dos fluxos sugere relações entre regiões do Estado. Trata-se de nexos históricos, como do Norte com o Vale do Sinos e Região Metropolitana (Barcellos, 2002) e do Sul com a Capital, e de novos vínculos, que respondem a dinâmicas mais recentes da economia gaúcha, refletidos na atratividade das regiões da Serra e do Litoral.

Ainda explorando a origem e o destino dos fluxos migratórios entre os Coredes, chamam atenção, na listagem dos maiores fluxos, as trocas entre o Metropolitano Delta do Jacuí e o Vale do Rio dos Sinos, que se dão, nas duas direções, com volumes muito significativos, sendo que o saldo é negativo para o Corede Metropolitano Delta do Jacuí. Na verdade, esses dois Coredes estão envolvidos em sete dos 11 maiores deslocamentos, ou seja, daqueles que superaram os 5 mil migrantes, expressando o peso da Região Metropolitana na realidade do Estado. Eles são também o reflexo da multipolaridade que caracteriza a configuração metropolitana no RS (Jardim; Barcellos, 2004).

A análise da mobilidade de retorno explicita outro ângulo das relações entre as regiões do RS. Por um lado, pode-se observar que as proporções do retorno no âmbito inter-regional são bem menores que na dimensão interestadual, atingindo, no máximo, os 24% dos imigrantes, nas regiões do sul e em parte do norte do Estado (no âmbito interestadual, chega a alcançar 55% nas trocas do Estado com Tocantins). Por outro lado, o Mapa 5 permite ver que as áreas mais dinâmicas são as que tiveram os mais baixos percentuais de retorno de migrantes. Desse modo, percebe-se que não conseguem oferecer oportunidades para todos os contingentes populacionais que recebem (Mapa 5).

Mapa 5

Percentual de imigração de retorno inter-Coredes do
Rio Grande do Sul — 1995-00



FONTE: IBGE. **Censo Demográfico 2000**: microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

Os movimentos pendulares

A informação do Censo Demográfico de 2000 sobre o município onde as pessoas trabalham ou estudam, a mobilidade pendular, reflete o vínculo entre os municípios, mostrando a dinâmica de trocas diárias de fluxos populacionais, e, como consequência, expressa, além da atratividade de emprego e estudo, a utilização de serviços públicos e o consumo de mercadorias e de serviços

nas localidades para onde se deslocam essas pessoas. A análise dessa informação permite, ainda, identificar os pólos de atração mais dinâmicos dos Coredes, através da mobilidade pendular intra-Coredes, e a expansão da área de influência, através da mobilidade pendular inter-Coredes.

A distribuição da população do Rio Grande do Sul por deslocamento para trabalho ou estudo mostra que 67% das pessoas que residiam no Estado em 2000 se encontravam na condição de trabalho ou estudo. Observando o conjunto da população, mais de 5% desenvolvia atividades em município diferente do que o de residência, percentual que sobe para 8%, quando se consideram somente as pessoas que trabalham ou estudam. Entre os que se deslocaram do município de residência, 347.185 o fizeram dentro do próprio Corede (Tabela 3), o que representa dois terços dos que se movimentaram. Os maiores volumes de mobilidade pendular foram dos Coredes Metropolitano Delta do Jacuí e Vale do Rio dos Sinos, onde está localizada a maioria dos municípios que compõem a RMPA.

Tabela 3

População residente, por deslocamento para trabalho ou estudo,
no Rio Grande do Sul — 2000

DISCRIMINAÇÃO	POPULAÇÃO	PARTICIPAÇÃO (%)
TOTAL	10 187 845	100,00
Trabalha ou estuda neste município	6 275 613	61,60
Não trabalha, nem estuda	3 369 473	33,07
Trabalha ou estuda em outro município do RS	523 721	5,14
Trabalha ou estuda em outras unidades da Federação	13 377	0,13
Trabalha ou estuda em país estrangeiro	5 661	0,06

FONTE: IBGE. **Censo demográfico 2000**: microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

No Corede Metropolitano Delta do Jacuí, mais de 200 mil pessoas se deslocaram do município de residência para trabalhar ou estudar em outro município, sendo que 172 mil tiveram como destino municípios do próprio Corede. Grande parte desses fluxos se dirigiu para Porto Alegre, que recebeu 213 mil pessoas, sendo 143.952 vindas da própria região, o que reflete as relações,

implícitas na dinâmica moradia-trabalho, de dependência de áreas menos dinâmicas em relação ao centro metropolitano. Nas trocas ocorridas na mobilidade pendular intra-Coredes, somente Porto Alegre, com 134.591 pessoas, e Triunfo, com 1.061 pessoas, apresentaram saldos positivos. No balanço inter-Coredes, essa região teve um aumento de população de 57.539 pessoas devido à mobilidade pendular (Tabela 4 e Mapas 6 e 7).⁶

O segundo Corede em volume de deslocamento populacional para trabalho ou estudo é o Vale do Rio dos Sinos, com quase 30 mil pessoas saindo para trabalhar ou estudar em outro Corede e 70 mil deslocando-se dentro do próprio Corede. Na mobilidade intra-regional, os municípios que ganharam volumes significativos de população foram Novo Hamburgo (11.379) e Canoas (8.889). Apesar de Canoas ser o município do Estado com o segundo maior volume de entradas (com 26.689, ficando acima de Novo Hamburgo, que recebeu 23.768) e dividir com Novo Hamburgo a atratividade como local para trabalho ou estudo nesse Corede, quando se considera a mobilidade pendular total desse município, o saldo é de menos 12 mil pessoas, mostrando que os vínculos desse município são também fortes com o Metropolitano Delta do Jacuí, pois o déficit resultou do tamanho maior dos fluxos que deslocou para o Metropolitano. Novo Hamburgo tem uma maior atração de mobilidade pendular na própria região, já que 87% das pessoas que trabalhavam ou estudavam ali eram oriundos do próprio Corede.

O Corede Serra é o que apresenta o terceiro maior volume de mobilidade pendular, com 6 mil pessoas nele chegando, mais de 5 mil dele saindo e 11 mil deslocando-se dentro da própria região. A distribuição desse contingente entre os municípios não é muito concentrada, o que pode ser constatado no saldo dos movimentos pendulares intra-regional de Caxias do Sul, município pólo dessa região, que foi de apenas 2.542 pessoas. Bento Gonçalves foi o segundo maior saldo, com 702 pessoas.

Os Coredes Central e Sul também apresentaram um contingente significativo de deslocamento para trabalho ou estudo. No Sul, a mobilidade pendular concentrou-se na própria região (12 mil pessoas fizeram movimento pendular intra-Coredes e 2,6 mil inter-Coredes), e, no Central, foi considerável a parcela da população que se deslocou para outro Corede⁷.

⁶ Todas as informações relativas aos deslocamentos intra e inter-Coredes, quando contemplam os municípios, foram extraídas da base de microdados da amostra do Censo Demográfico de 2000 e não estão sintetizadas em tabelas, em função do tamanho.

⁷ Os Coredes com maiores vínculos com o Central são, além do Metropolitano, que recebe fluxos significativos de quase todos os Coredes, os de seu entorno. As exceções são o da Campanha, cujo maior vínculo é com o Sul, e o Vale do Rio Pardo, tendo maior vínculo com Taquari.

Tabela 4

Fluxos pendulares segundo os Coredes do Rio Grande do Sul — 2000

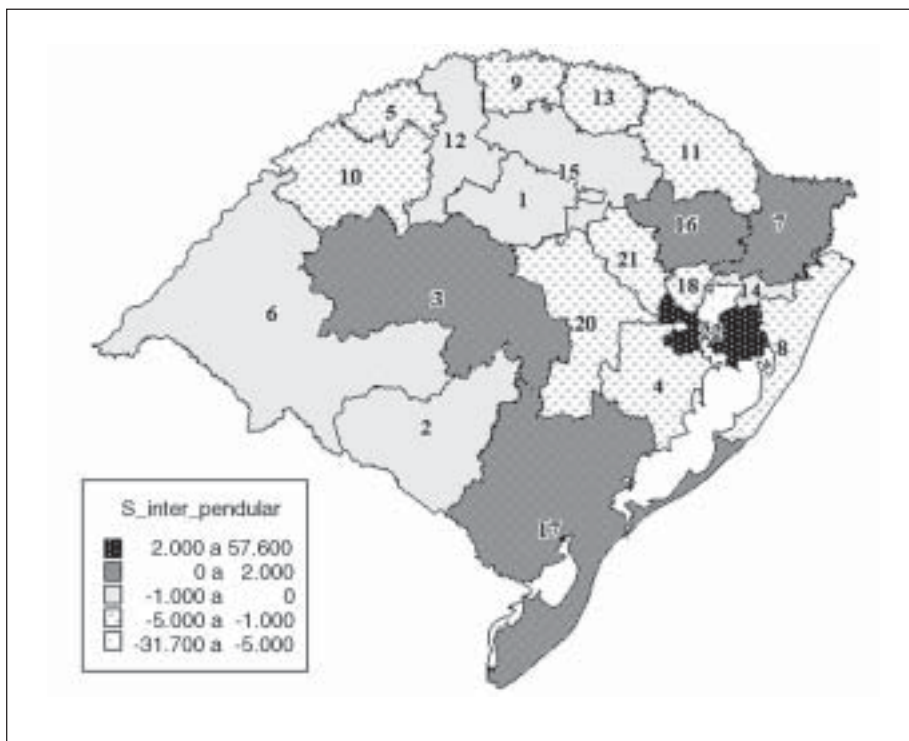
COREDES	MOBILIDADE INTER-COREDES			MOBILIDADE INTRA-COREDES	ACRÉSCIMO POPULACIONAL (%)
	Entradas	Saídas	Saldo		
TOTAL (1)	159 140	159 140	-	347 185	-
1 Alto Jacuí	2 396	3 192	-796	2 227	-0,61
2 Campanha	1 271	1 467	-196	1 293	-0,15
3 Central	6 807	5 678	1 129	8 625	0,27
4 Centro-Sul	2 330	6 817	-4 487	2 902	-3,11
5 Fronteira Noroeste	767	2 038	-1 271	3 141	-0,81
6 Fronteira Oeste	2 722	3 704	-983	1 952	-0,29
7 Hortênsias	1 580	1 500	80	2 687	0,09
8 Litoral	1 647	4 721	-3 073	7 307	-1,67
9 Médio Alto Uruguai	522	1 806	-1 284	1 760	-0,96
10 Missões	1 401	3 106	-1 705	2 972	-0,95
11 Nordeste	747	1 976	-1 228	1 041	-1,05
12 Noroeste Colonial	2 154	3 139	-985	4 025	-0,44
13 Norte	671	1 759	-1 088	3 779	-0,72
14 Paranhana - Encosta da Serra	3 928	4 451	-523	7 468	-0,39
15 Produção	4 227	4 421	-195	5 391	-0,06
16 Serra	6 460	5 522	938	11 087	0,18
17 Sul	2 635	2 441	194	12 091	0,04
18 Vale do Caí	1 906	6 708	-4 802	4 560	-4,51
19 Vale do Rio dos Sinos	29 773	61 420	-31 647	70 152	-4,03
20 Vale do Rio Pardo	3 101	4 103	-1 002	7 281	-0,34
21 Vale do Taquari	1 323	5 939	-4 616	12 554	-1,94
22 Metropolitano Delta do Jacuí	80 770	23 231	57 539	172 893	3,90

FONTE: IBGE. **Censo demográfico 2000**: microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

(1) Exclusive os que não especificaram origem.

Mapa 6

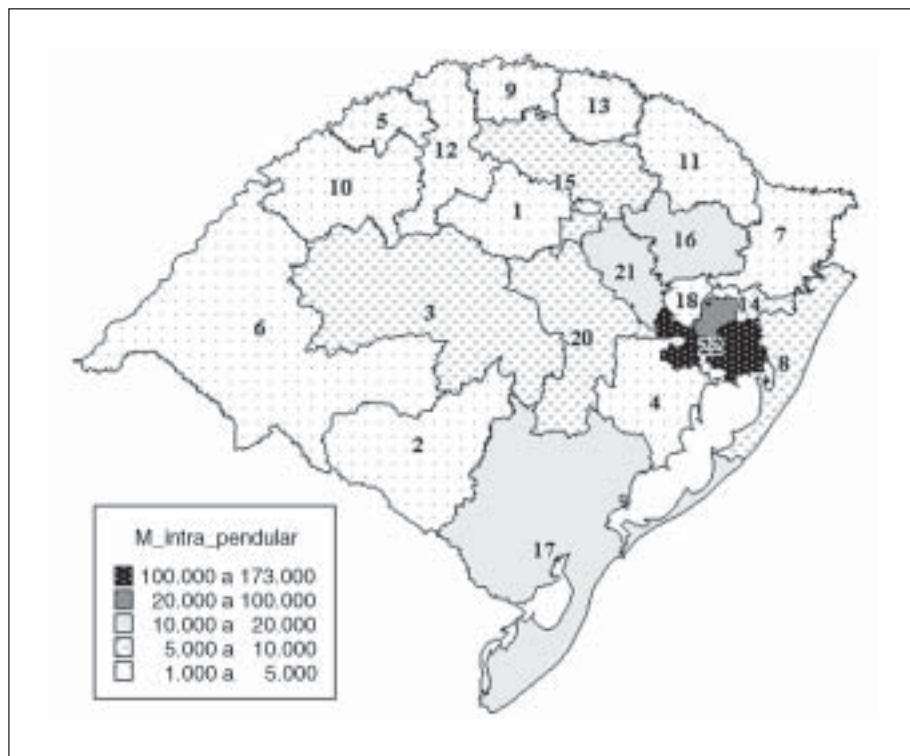
Fluxos pendulares inter-Coredes do Rio Grande do Sul — 2000



FONTE: IBGE. **Censo Demográfico 2000**: microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2003 (CD-ROM).

Mapa 7

Fluxos pendulares intra-Coredes do Rio Grande do Sul — 2000



FONTE: IBGE. **Censo Demográfico 2000**: microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2003 (CD-ROM).

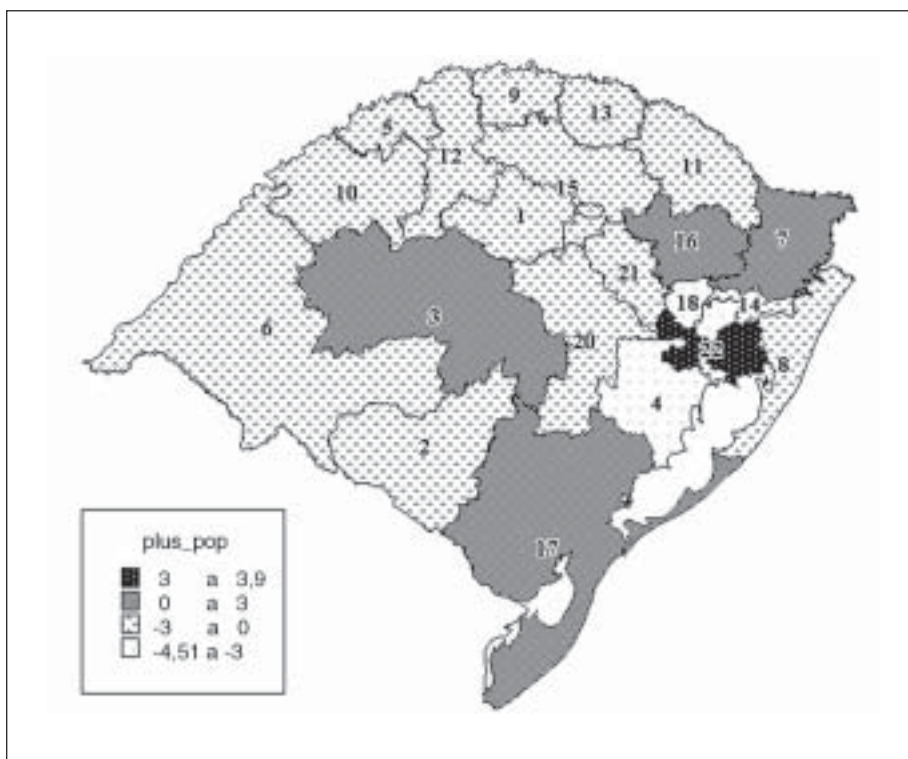
Conforme mostra o Mapa 7, os Coredes onde os fluxos de deslocamento interno foram pouco significativos, com raras exceções, formam uma área contígua na fronteira do Estado com Santa Catarina e com os países do Prata.

O percentual de acréscimo na população que trabalha ou estuda na região devido à mobilidade pendular é um indicador que mostra o excedente dessa parcela da população que deve ser considerado na formulação de políticas públicas de atendimento das necessidades de transporte, saúde, educação, etc. no local onde essas pessoas trabalham ou estudam e na geração

principalmente de empregos, já que grande parte das pessoas que se deslocam o fazem para trabalhar (Jardim; Barcellos, 2004). O Mapa 8 mostra que somente o Corede Metropolitano Delta do Jacuí experimentou acréscimos populacionais relevantes devido à mobilidade pendular (3,9%). Além desse, embora de pouca significância, os Coredes Central, Serra, Hortênsias e Sul também apresentaram acréscimos populacionais. Os Coredes com maiores perdas populacionais pendulares foram o Vale do Caí (-4,51%), o Vale do Rio dos Sinos (-4,03%) e o Centro-Sul (-3,11%).

Mapa 8

Percentual de acréscimo na população que trabalha ou estuda devido à mobilidade pendular por Coredes do Rio Grande do Sul — 2000



FONTE: IBGE. **Censo Demográfico 2000**: microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2003 (CD-ROM).

Os ganhos e as perdas dos Coredes relacionados com a mobilidade pendular podem ser melhor compreendidos se o dado for desagregado na dimensão municipal, que permite uma visão sobre a configuração de pólos de atração pendular.

Entre as localidades que se destacam com saldos superiores a 500 pessoas, aparecem, além de Porto Alegre e Novo Hamburgo, pólos metropolitanos, centros regionais importantes, como Pelotas, Santa Maria e Passo Fundo, e alguns centros médios, como Ijuí, Santa Rosa e Erechim (Tabela 5).

Tabela 5

Principais fluxos pendulares municipais, classificados por volume de saldo total, do Rio Grande do Sul — 2000

MUNICÍPIOS	TOTAL		
	Entradas	Saídas	Saldo
1 Porto Alegre	213 408	24 017	189 391
2 Novo Hamburgo	23 768	12 496	11 272
3 Santa Maria	9 711	2 566	7 145
4 Pelotas	8 684	2 870	5 814
5 Santa Cruz do Sul	6 394	1 466	4 928
6 Triunfo	5 046	751	4 295
7 Caxias do Sul	6 979	2 786	4 193
8 Passo Fundo	4 421	1 704	2 717
9 Lajeado	5 129	2 727	2 402
10 Ijuí	3 086	1 031	2 055
11 Gramado	2 275	640	1 635
12 Erechim	2 663	1 137	1 526
13 Igrejinha	2 233	935	1 298
14 Cruz Alta	2 068	1 072	996
15 Santa Rosa	1 825	837	988
16 Chuí	940	42	898
17 Rio Grande	2 059	1 235	824
18 Bento Gonçalves	2 424	1 610	814
19 Teutônia	1 337	561	776
20 Santo Ângelo	1 908	1 223	685
21 São Sebastião do Caí	1 544	896	648
22 Candiota	698	73	625

(continua)

Tabela 5

Principais fluxos pendulares municipais, classificados por volume de saldo total,
do Rio Grande do Sul — 2000

MUNICÍPIOS	INTRA-COREDE		
	Entradas	Saídas	Saldo
1 Porto Alegre	143 952	9 361	134 591
2 Novo Hamburgo	20 701	9 322	11 379
3 Santa Maria	4 672	1 000	3 672
4 Pelotas	7 075	1 961	5 114
5 Santa Cruz do Sul	4 760	721	4 039
6 Triunfo	1 230	169	1 061
7 Caxias do Sul	3 513	971	2 542
8 Passo Fundo	2 187	776	1 411
9 Lajeado	4 841	1 703	3 138
10 Ijuí	1 893	238	1 655
11 Gramado	1 841	442	1 399
12 Erechim	2 278	323	1 955
13 Igrejinha	2 062	761	1 301
14 Cruz Alta	611	111	500
15 Santa Rosa	1 409	285	1 124
16 Chuí	928	42	886
17 Rio Grande	1 481	939	542
18 Bento Gonçalves	1 669	967	702
19 Teutônia	1 262	379	883
20 Santo Ângelo	1 209	400	809
21 São Sebastião do Caí	1 247	287	960
22 Candiota	483	34	449

(continua)

Tabela 5

Principais fluxos pendulares municipais, classificados por volume de saldo total, do Rio Grande do Sul — 2000

MUNICÍPIOS	INTRA-COREDE EM RELAÇÃO AO TOTAL (%)	ACRÉSCIMO POPULACIONAL (%)
1 Porto Alegre	67	20,69
2 Novo Hamburgo	87	7,06
3 Santa Maria	48	4,47
4 Pelotas	81	2,87
5 Santa Cruz do Sul	74	6,48
6 Triunfo	24	29,88
7 Caxias do Sul	50	1,66
8 Passo Fundo	49	2,43
9 Lajeado	94	5,01
10 Ijuí	61	3,84
11 Gramado	81	7,69
12 Erechim	86	2,49
13 Igrejinha	92	6,47
14 Cruz Alta	30	2,15
15 Santa Rosa	77	2,22
16 Chuí	99	25,23
17 Rio Grande	72	0,73
18 Bento Gonçalves	69	1,23
19 Teutônia	94	4,46
20 Santo Ângelo	63	1,34
21 São Sebastião do Caí	81	4,94
22 Candiota	69	12,56

FONTE: IBGE: **Censo Demográfico 2000**: microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

Conclusões

A análise da mobilidade no RS, enfatizando os deslocamentos em nível regional, permitiu a identificação de alguns resultados que são indicativos de mudanças, sob o ponto de vista dos fluxos migratórios e dos deslocamentos pendulares, em tendências históricas apresentadas pelo extremo sul do País e de outros que trazem importantes contribuições para a compreensão das relações que se estabelecem no interior do Estado, entre suas diferentes regiões.

No que diz respeito à análise das características do RS frente ao contexto da mobilidade no Brasil, evidenciaram-se os seguintes aspectos:

- em primeiro lugar, constatou-se um aumento da mobilidade de curta distância, que, há algumas décadas, destaca, nos fluxos interestaduais, os vínculos entre os estados da Região Sul. Observa-se, portanto, que, no nível da mobilidade interna ao País, as trocas do RS se estabelecem sobretudo com seus vizinhos. Nas migrações internacionais, o Estado registra a substituição do predomínio de imigrantes alemães e italianos por imigrantes vindos do Uruguai e da Argentina, mostrando que as relações passaram a se estabelecer predominantemente com os países limítrofes;
- em segundo lugar, coloca-se um aspecto interessante, que é a redução da emigração para outros estados, a qual, em outras décadas, havia sido muito significativa, resultando em elevados saldos negativos nas trocas do Estado com o resto do País. Dentro desse quadro, a mudança nas trocas entre o Rio Grande do Sul e os estados da Região Sudeste, por exemplo, aponta um fato novo. O saldo negativo, anteriormente generalizado com as unidades daquela região, embora se mantendo, foi positivo para o Rio de Janeiro e para o Espírito Santo, indicando alterações nas condições de atratividade das duas regiões. Se persistirem a redução na emobilidade de gaúchos e um relativo aumento dos ingressos no RS de migrantes procedentes de outros estados, pode ser que se reverta a posição que o Estado tem ocupado como área de expulsão de fluxos migratórios;
- em terceiro lugar, somando-se à conclusão anterior, deve ser anotado o retorno ao Estado de emigrantes gaúchos. Esse foi um fenômeno relevante nas duas últimas décadas, envolvendo especialmente os estados das Regiões Norte e Centro-Oeste, e que pode, em grande parte, ser atribuído ao fracasso na abertura de novas frentes de ocupação

agrícola, que, na década de 70, levou muito migrantes do sul do País para aquelas regiões;

- como quarto aspecto, é preciso mencionar o predomínio da mobilidade intra-estadual relativamente à interestadual e, no contexto da problemática migratória do RS, anotar a dimensão consideravelmente maior dos fluxos intra-regionais, se comparados com os inter-regionais, indicando que, também em nível estadual, se verifica a tendência recente de serem majoritários os fluxos de curta distância.

Retomando, agora, a abordagem regional da mobilidade no RS, devem-se trazer outros tópicos para as reflexões conclusivas.

O primeiro remete à relevância da Região Metropolitana de Porto Alegre, que se constitui na maior aglomeração do Estado, pois foi nos Coredes Metropolitano Delta do Jacuí e Vale do Rio dos Sinos que se registrou a maior movimentação de migrantes, ou seja, onde foram mais elevados os volumes de emobilidade e imobilidade. Não obstante, e aí já se levanta outro ponto que merece uma discussão mais sistemática quando se analisam as trocas, o Corede Serra desponta com o maior saldo positivo, demonstrando que, embora com menor poder de atração em relação aos outros dois Coredes, consegue ter maior nível de retenção de fluxos migratórios. Provavelmente, o dinamismo do parque industrial e o aumento da concentração de comércio e serviços, que têm tornado essa área um dos pólos econômicos do Estado, sejam os responsáveis por esse resultado.

O segundo chama atenção para a situação do Litoral, que se sobressaiu com uma elevada diferença positiva nas trocas entre emobilidade e imobilidade. A atual conformação econômica e social dessa região, que tem apresentado altas taxas de crescimento populacional nas duas últimas décadas, deve ser investigada, para que se possa compreender melhor as relações econômicas e sociais que se travam no espaço regional do Rio Grande do Sul.

O terceiro ponto que se quer ressaltar contempla a questão da expulsão de fluxos migratórios, na qual os Coredes Fronteira Oeste, Médio Alto Uruguai, Missões e Noroeste Colonial despontam, uma vez que apresentaram os maiores saldos negativos no cômputo entre saída e entrada de população, explicitando configurações regionais com dinâmicas econômicas deprimidas, como é o caso do Sul, ou áreas esgotadas, de produção agrícola em pequena propriedade, como algumas no norte do Estado.

Um quarto tópico diz respeito às relações entre regiões do Estado sugeridas pelo sentido dos fluxos migratórios. Mantêm-se nexos históricos, como o do Norte com o Vale do Sinos e com a Região Metropolitana, e a relação do Sul com a Capital, e novos vínculos desenvolvem-se, responden-

do a dinâmicas mais recentes da economia gaúcha, refletidos na atratividade das regiões da Serra e do Litoral.

O quinto ponto a ser retomado é a questão do retorno. Embora, no âmbito inter-regional, o fenômeno não assuma as mesmas proporções encontradas na dimensão interestadual, ele tem uma característica que merece estudo mais aprofundado. A análise das proporções do retorno nos diferentes Coredes expõe o lado perverso da atratividade, ao revelar que as áreas mais dinâmicas, com maior raio de atração, tiveram os mais baixos percentuais de retorno de migrantes. Na verdade, elas não conseguiram absorver todos os fluxos que atraíram. No plano das migrações brasileiras, isso também ocorreu, sendo paradigmático o caso de São Paulo (Brito, 2002).

No que diz respeito à mobilidade pendular, os resultados que mais agregaram informações para se avançar no conhecimento da problemática regional estão sintetizados abaixo.

Em primeiro lugar, evidenciou-se a predominância dos fluxos pendulares intra-Coredes, pois representaram dois terços dos deslocamentos para trabalhar ou estudar. Efetivamente, a distância é um fator relevante na determinação da origem e do destino desses fluxos, já que se trata de deslocamentos diários.

Em segundo lugar, aparece, mais uma vez, a proeminência da Região Metropolitana no contexto do RS, já que os Coredes Metropolitano Delta do Jacuí e Vale do Rio dos Sinos tiveram os volumes mais significativos de mobilidade pendular, sendo a maior parte dos fluxos entre municípios dos próprios Coredes. No balanço inter-Coredes, o Metropolitano teve um aumento de 57.539 pessoas, sendo o único que apresentou acréscimos populacionais relevantes devido à mobilidade pendular.

A atratividade de Porto Alegre, com sua maior densidade de oferta de trabalho e serviços, é ressaltada no terceiro ponto que se destacou na análise dos fluxos pendulares. Grande parte dos fluxos pendulares ocorridos dentro do Corede Metropolitano Delta do Jacuí teve como destino Porto Alegre, que recebeu 213 mil pessoas para trabalhar ou estudar, sendo 143.952 vindas da própria região.

Por fim, é necessário apontar os espaços onde foram mais significativas as perdas populacionais pendulares, no contexto das trocas entre os Coredes. O Vale do Caí, o Vale do Rio dos Sinos e o Centro-Sul tiveram os maiores saldos negativos, sendo as regiões que mais liberaram população para realizar atividades em outros Coredes. Chama atenção o resultado do Corede Vale do Rio dos Sinos, onde se localiza uma grande universidade, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Na verdade, como nesses

fluxos predominam os deslocamentos para trabalho, a atração exercida pelo centro universitário não chega a compensar a carência de oportunidades de trabalho.

Referências

BAENINGER, Rosana. Expansão, redefinição ou consolidação dos espaços da mobilidade em São Paulo: análises a partir dos primeiros resultados do Censo 2000. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, 2002, Ouro Preto, MG. **Anais...** Ouro Preto: ABEP, 2002.

BARCELLOS, Tanya M. de. Deslocamentos populacionais na Região Metropolitana de Porto Alegre: características dos anos 80. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, 2002, Ouro Preto, MG. **Anais...** Ouro Preto: ABEP, 2002.

BRITO, Fausto; GARCIA, Ricardo Alexandrino; CARVALHO, José Alberto Magno de. Migrações de curto prazo nas Regiões Metropolitanas: migrantes de etapa única, migrantes de retorno e migrantes de passagem — 1986/1991. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, 2002, Ouro Preto, MG. **Anais...** Ouro Preto: ABEP, 2002.

IBGE. **Censo demográfico 2000**: microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

IBGE. **Censo demográfico 2000**: mobilidade e deslocamento; resultados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

JARDIM, Maria de Lourdes. Dinâmica demográfica do Rio Grande do Sul. In: FLIGENSPAN, Flávio (Coord.). **Economia gaúcha e reestruturação nos anos 90**. Porto Alegre: FEE, 2000.

JARDIM, Maria de Lourdes. Evolução da população do Rio Grande do Sul. In: ACCURSO Jorge da Silva (Coord.). **O Rio Grande do Sul e sua população**. Porto Alegre: FEE, 2002. (Documentos FEE, 51).

JARDIM, Maria de Lourdes; BARCELLOS, Tanya M. de. Mobilidade populacional na RMPA, nos anos 90. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14, 2004, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu: ABEP, 2004.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Matuchos**: exclusão e luta (do sul para a Amazônia Ocidental). Petrópolis: Vozes, 1993.